



**Plínio Arruda: com medo da recessão**

## **Economista do PT não quer cesta básica por achar que é esmola**

**“T**enho medo de uma recessão pura e simples como remédio para combater a inflação. Tem de ser uma recessão tão grande que é o mesmo que queimar a casa para assar o leitão”, afirmou ontem Plínio Arruda Sampaio Filho, professor de economia na Unicamp e um dos técnicos que participaram da elaboração do programa do PT.

Arruda criticou a proposta do PRN de fazer uma cesta básica que consumiria 2% do PIB, pois segundo ele a população não precisa de esmolas. O economista quer prioridade para a indústria de bens de consumo e uma política de renda mínima para o trabalhador. “Chegou a hora de Collor sair do palanque e governar”, disse.

O economista acusou a estratégia do presidente eleito de jogar o povo contra o Congresso para enfraquecê-lo e, a partir daí, poder fazer suas manobras. Ele considerou o momento econômico muito delicado e admitiu que seria difícil governar para qualquer candidato que fosse eleito. Arruda revelou que no dia 20 será realizada uma reunião com Leonel Brizola, Miguel Arraes e outros líderes políticos para estudar uma oposição a Collor sem infringir as regras democráticas.

Arruda defendeu um prolongamento voluntário do perfil da dívida interna, contestando o ex-presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore, que havia afirmado que o PT queria um prolongamento compulsório da dívida, a exemplo do que fez Mussolini. Ele desafiou Pastore a provar que o partido tivesse feito tal proposta, observando que a campanha do PRN foi toda baseada em mentiras, como as afirmações de que o governo do PT invadiria casas ou daria o calote na dívida. O economista concorda, no entanto, com as propostas do PRN de esticar o aviso prévio para três meses e aumentar o valor do seguro desemprego.

Plínio Arruda disse no Forum que imaginou que ali fosse encontrar um representante explícito do PRN para saber exatamente o que o partido pensa, o que não aconteceu. Segundo ele, será impossível combater a inflação se não houver novos horizontes para os empresários investirem. É preciso se dizer para onde este país vai, argumentou ele, defendendo a necessidade de se abrir a economia, pois, como lembrou, já passou a época de substituição de importações. Para fortalecer o mercado interno, torna-se prioridade absoluta o desenvolvimento da tecnologia, observou o economista.

Quanto ao setor público, torna-se importante redefinir o padrão de financiamentos, disse, alertando que esta área tem de estar integrada à política industrial. Arruda considerou esquizofrênico o programa do PRN por achá-lo neoliberal mas com uma vitrine social-democrata, propondo-se a facilitar a integração com a economia internacional, que na sua opinião está marginalizando o país.